

REPRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR FRENTE AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA REGIONAL¹

REPRODUCTION THE FAMILIAR AGRICULTURE OPPOSITE THE MODEL OF REGIONAL AGRICULTURAL DEVELOPMENT

Marcio de Escobar Paixão

Mestre em Desenvolvimento Rural-Unicruz
Universidade de Cruz Alta
marcioescobar31@gmail.com

Claudia Maria Prudêncio De Mera

Dra. em Desenvolvimento Rural-UFRGS
Universidade de Cruz Alta
cmera@unicruz.edu.br

Tamara Silvana Menuzzi Diverio

Dra. em Desenvolvimento Rural-UFRGS
Universidade de Cruz Alta
cmera@unicruz.edu.br

Resumo

Este estudo busca entender quais são as estratégias de reprodução social e econômica dos agricultores familiares produtores de grãos e leite do Alto Jacuí/RS, inseridos num ambiente concentrado e capitalista, que os expõe a uma baixa disponibilidade de área para produção, difícil acesso ao crédito, aos recursos financeiros e desenvolvimento tecnológico, fazendo com que a agricultura familiar ao longo dos anos buscase alternativas para viabilizar suas atividades e permanência no campo. Em sua metodologia, foi utilizada pesquisa de campo, através de entrevista com 135 produtores familiares produtores de grãos e de leite do Alto Jacuí/RS. Este estudo demonstra que a produção leiteira representa maior fortalecimento econômico e permanência da agricultura familiar no meio rural, se eles trabalhassem somente com a atividade leiteira em até 40 hectares seria suficiente para viabilizar economicamente sua permanência na propriedade.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Tendências. Agricultura Familiar. Estratégias. Reprodução.

Abstract

This study seeks to understand which are the strategies of economic and social reproduction of the familiar farmers producers of grains and milk of Alto Jacuí/RS. Inserted in a capitalist and concentrated environment, which exposes him to a low availability of area for production, hard access to credit, to the financial resources and technological development, made the familiar agriculture throughout the years look for alternatives to enable its activities and permanence in the countryside. In its

methodology, was used field research, through interviews with 135 family farmers producing grain and milk Alto Jacuí/RS. This study shows that the milk production represents bigger economic strengthening and permanence of the agricultural familiar in the rural environment, if they worked only with the milk activity up to 40 hectares would be enough to enable economically its permanence in the property.

Keywords: Development. Tendencies. Familiar Agriculture. Strategies. Reproduction.

Introdução

A temática da agricultura familiar, que já foi denominada de diferentes formas, como agricultura camponesa, de pequena produção, de subsistência, de pequeno porte, entre outros termos, sempre esteve inserida no debate das questões agrárias, principalmente no que tange ao seu desenvolvimento. A discussão permeia entre a concepção que prevê o seu desaparecimento pela inserção no modo de produção capitalista e a que ressalta o seu fortalecimento, em um processo de diferenciação, redefinição, decomposição e adaptação a este sistema e ao mercado.

A contribuição de Wanderley (1999, 2004), Lamarche (1993), Schneider, (2003) e Sacco dos Anjos (2003), vêm corroborar com a problemática aqui estudada. Para os autores, a agricultura familiar é uma forma social de trabalho e produção que se reproduz em um ambiente concorrente de mercado, muitas vezes desenvolvendo estratégias sociais e econômicas para se fortalecer neste ambiente competitivo, estratégias/ações estas que são de caráter prático.

Assim, o êxito das estratégias adotadas pelos agricultores familiares depende da capacidade dos indivíduos que compõem as famílias de responderem às transformações do mercado de trabalho, das formas de concorrência e das instituições sociais. Desse modo, segundo Schneider (2003), a reprodução social e econômica é, além do resultado da vontade individual e coletiva familiar ou de intermediação entre os indivíduos-membros com sua família, resultado também das pressões econômicas externas do sistema social em que estão imersos. Nesse processo cabe à família e a seus membros um papel importante, pois suas decisões, estratégias e ações podem trazer resultados favoráveis ou desfavoráveis à sua continuidade e reprodução.

Para Wanderley (1999) e Lamarche (1993), o funcionamento da exploração familiar deve ser analisado dentro da dinâmica de que é no campesinato que o agricultor encontra suas referências históricas, ao qual permanece mais ou menos ligado, e define suas aspirações quanto ao futuro. Assim, ele toma decisões com base no peso do passado e na sua tradição. Além disso, segundo os autores, a saída ou deslocamento dos agricultores familiares são decorrentes da pressão da grande propriedade por escala de produção. Wanderley (2004), ao analisar o êxodo rural e as consequências da modernização da agricultura brasileira para agricultura familiar, sugere a pluriatividade² como estratégia social e econômica para permanência dos agricultores no meio rural, ressaltando que esta estratégia sempre esteve presente na agricultura familiar brasileira como uma forma dos agricultores, além de cultivar a terra e criar os animais, buscarem outras atividades para empregar a mão de obra ociosa da família e gerar renda.

Do mesmo modo, Sacco dos Anjos (2003) afirma que a pluriatividade é um processo de transformação da agricultura, através de diversas atividades que tanto podem se desenvolver no interior como no exterior da unidade de produção familiar. Pode ocorrer através da diversificação produtiva, de outras atividades não agrícolas, da prestação de serviços a outros agricultores, na industrialização em nível de propriedade, no artesanato, no turismo rural e que conjuntamente impliquem no aproveitamento das potencialidades existentes na propriedade e/ou em seu entorno.

Para entender esse contexto, este estudo propôs estudar as estratégias sociais e econômicas adotadas pelos agricultores familiares, tendo como *locus* da pesquisa a região do Alto Jacuí, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, onde a atividade agrícola é parte da sua base econômica e a terra, enquanto base principal dessa atividade, está voltada à agricultura intensiva, principalmente na produção de trigo, soja e milho e na atividade leiteira.

Na região do Alto Jacuí/RS, não se difere a importância da agricultura familiar do conceito nacional, pois o agricultor familiar sempre contribuiu e esteve presente durante seu desenvolvimento agrícola. Nesta região, a agricultura tradicional se desenvolveu dentro de pequenas propriedades num modelo de subsistência, focado na produção de alimentos para o consumo da própria família até meados do século XX.

A partir desse período, esse sistema de produção passa a apresentar instabilidades e surge o binômio trigo-soja, junto a empresas agrícolas mecanizadas e especializadas na produção mercantil. Para Mera (2011), este novo sistema produtivo contribuiu com o surgimento de uma forma de organização social peculiar na região, em que seu processo evolutivo, a economia agrícola, na forma como absorvia os agentes sociais, já os diferenciava social e economicamente. Além do surgimento dos trabalhadores temporários, surge um novo produtor: o “granjeiro”. Estes, que segundo Grzybowski (1977) eram antigos colonos ou seus descendentes, que já possuíam terras, ou por aliarem as lucrativas atividades de comércio rural aos seus empreendimentos, ou ainda por terem pequenos estabelecimentos industriais, puderam acumular recursos e experiências suficientes para aproveitarem as vantajosas possibilidades de obter lucros na produção de trigo em alta escala.

Durante as últimas décadas, a economia da Região, na maioria de seus municípios, se desenvolveu principalmente através dos sistemas de produção agrícola, principalmente e não exclusivamente, pela produção de soja e pela pecuária leiteira. Estas atividades, que para sua viabilização econômica necessitam de área para produção, capacidade de investimento, assistência técnica, desenvolvimento tecnológico e escala de produção, tornam-se na maioria dos casos um entrave para o desenvolvimento e reprodução da agricultura familiar, devido seu baixo acesso a estes diferenciais

No estudo de Mera (2011) sobre a diminuição da população rural na região do Alto Jacuí, um dos fatores apontados é a pequena escala produtiva, principalmente para os produtores de grãos, inviabilizando economicamente aqueles que se dedicam exclusivamente à produção de soja em pequenas áreas, ocasionando ociosidade da mão de obra. Outro motivo apontado de inviabilização da agricultura familiar é a falta de recursos para partilha quando ocorre o falecimento dos pais, pois o alto preço da terra inviabiliza a divisão. O que normalmente ocorre, neste caso, é que a propriedade vai para inventário, alguns decidem vender a área de terra e os outros, sem condição de compra, acabam vendendo também. No entanto, o endividamento devido a investimentos na propriedade representa o principal motivo apontado pelos entrevistados para a inviabilização econômica da propriedade.

Mesmo com a inviabilidade para alguns produtores familiares, a região do Alto Jacuí/RS concentra sua maior parte dos estabelecimentos rurais na agricultura familiar com 79,93% de participação, apesar de possuir apenas 26,85% da área disponível para produção, na qual a sojicultura se destaca, estando presente em 72,02% dos estabelecimentos familiares, seguida do leite com 46,82%, do milho em grão com 42,26% e do trigo com 15,37% de participação, segundo dados do IBGE (2006).

Outro fator importante além do seu dinamismo agrícola e pecuário é a pluriatividade existente na agricultura familiar dessa região. Segundo dados do IBGE (2006), cerca de 70,81% das pessoas que vivem no meio rural declaram ter atividades econômicas fora do estabelecimento familiar, 36,69% empregam seu trabalho no próprio agronegócio, como cooperativas, prestação de serviços, empresas de assistência técnica, comercialização de grãos, e 34,12% em outros segmentos não agrícolas.

Assim, diante desse contexto, este estudo se propõe a analisar as estratégias de reprodução sociais e econômicas dos agricultores familiares produtores de grãos e leite na região do Alto Jacuí/RS, assim como suas tendências produtivas e reprodutivas, frente ao modelo de desenvolvimento agrícola regional.

Procedimentos metodológicos

Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa classifica-se como quali-quantitativa. Quanto aos seus objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. Como procedimentos técnicos, realizou-se um estudo de campo na região do Alto Jacuí/RS, situada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, composta pelos municípios de Boa Vista do Cadeado, Boa Vista do Inca, Colorado, Cruz Alta, Fortaleza dos Valos, Ibirubá, Lagoa dos Três Cantos, Não-Me-Toque, Quinze de Novembro, Saldanha Marinho, Salto do Jacuí, Selbach, Santa Bárbara do Sul e Tapera, que juntos possuem uma área de 6.906,5 km² e população de 155.278 habitantes, sendo desta, 84 % urbana e 16% rural. (FEE, 2010).

No estudo, a população para a pesquisa foi composta por unidades produtivas familiares de grãos³ e de leite⁴, enquadradas nos critérios de classificação do Ministério

do Desenvolvimento Agrário, em que para sua caracterização como estabelecimentos da Agricultura Familiar as propriedades podem ter no máximo quatro módulos fiscais⁵.

A pesquisa de campo foi realizada no período de outubro de 2013 a março de 2014 as entrevistas foram sendo realizadas de acordo com as indicações da Cooperativa Central Gaúcha Ltda - CCGL e demais instituições ligadas aos produtores familiares de grãos e leite do Alto Jacuí/RS.

Sendo assim, esta amostra não se caracteriza como probabilística, pois os produtores entrevistados foram aqueles indicados para o pesquisador através de amostragem intencional e por acessibilidade, não possuindo representatividade em relação à população total.

A pesquisa contou com um total de 135 produtores. Em sua primeira etapa de coleta de dados, com perguntas abertas e fechadas, as entrevistas a campo foram direcionadas somente para os produtores fornecedores de leite para a CCGL, indicados pelo corpo técnico da cooperativa, 34 produtores nos 14 municípios do Alto Jacuí/RS.

Para realização deste trabalho, o autor ou sua equipe de apoio foram em 25 propriedades rurais aplicar a entrevista, 3 produtores foram entrevistados no centro administrativo da Cooperativa Triticola de Espumoso Ltda. (COTRIEL), situado no município de Espumoso – RS, e 6 produtores foram entrevistados durante a Feira Expodireto-Cotrijal, realizada no município de Não-Me-Toque – RS. Totalizando um universo de 34 produtores entrevistados.

Estes produtores foram entrevistados pessoalmente pelo autor ou por suas equipes de apoio. Para a coleta de dados, a equipe utilizou questionário impresso e equipamentos de áudio e vídeo para gravar os depoimentos dos produtores.

Desenvolvendo-se paralelamente com a primeira etapa, a segunda parte da coleta de dados veio para colaborar com a amplitude desta pesquisa, pois foi além dos produtores e regiões de atuação da CCGL, e teve uma abrangência de todos os municípios que compõem a região do Alto Jacuí/RS. O questionário foi encaminhado via e-mail ou impresso para as Cooperativas, Sindicatos Rurais, Secretarias Municipais da Agricultura e Emater das cidades pertencentes à região do Alto Jacuí/RS, para que suas equipes o aplicassem com seus produtores e posteriormente encaminhassem o

material. Além disso, também foram entrevistados pelo autor e sua equipe quatro produtores durante o evento de Abertura Nacional da Colheita do Trigo e seis produtores durante o IV dia de Campo CCGL, ambos realizados no município de Cruz Alta-RS. Nesta ação, na maioria dos casos, obteve-se pouca adesão por parte das instituições supracitadas, o que mesmo assim resultou numa coleta de 101 entrevistas em toda região.

Para a análise dos dados quantitativos da pesquisa de campo, utilizaram-se as ferramentas da planilha eletrônica Excel. Já a análise dos dados qualitativos realizou-se através do método de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2002), prevê a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados coletados. Para Ribeiro e Nodari (2001), a estratégia análise de conteúdo está em tratar os dados descritivos como fato, falando por si mesmos, nos quais os próprios informantes apresentam o relato, preservando cada palavra originalmente falada pelo entrevistador e pelo entrevistado.

Perfil dos produtores e seus estabelecimentos de produção familiar

Entre os entrevistados deste estudo, a maioria é do gênero masculino com 76% de participação, 24% são do gênero feminino. Esta maior representatividade masculina se dá principalmente por ser na maioria das propriedades em estudo, o homem a pessoa responsável pela família e gestão da propriedade. Porém, em várias situações, as esposas e os filhos acompanharam a entrevista dos produtores e contribuíram com suas respostas, principalmente nas que estavam vinculadas à produção leiteira, onde foi possível perceber maior participação gerencial e operacional da mulher, se comparada com a produção de grãos.

Com relação ao tamanho das propriedades em hectares, a maioria das unidades de produção familiar desta entrevista possuem no máximo 40 hectares. Destacando-se com 35% as propriedades com até 20 hectares, contra apenas 10% das propriedades familiares com área entre de 60 e 80 hectares.

Sobre a idade das pessoas que vivem nas propriedades, 64% idade das pessoas que vivem nas propriedades familiares em estudo têm entre 18 e 60 anos, ou seja, pessoas que já atingiram sua maioridade e na maioria dos casos, principalmente no gênero masculino, ainda não se aposentaram, com base nestes fatores, estando com plenas condições de trabalho. As pessoas acima dos 60 anos representam 16% dos entrevistados, as crianças até 12 anos com 14% e os adolescentes entre 13 e 17 apenas 6%. Esta baixa participação de adolescentes que vivem nas propriedades entrevistadas se dá principalmente porque a maioria deles migraram para estudar na cidade. Isso ocorre, principalmente, devido à distância ou falta de escolas em suas comunidades, ao desinteresse em continuar morando nas propriedades familiares, à busca de novas profissões não relacionadas a atividades dos pais no meio rural através do estudo, entre outras.

Uso do trabalho, importância, perspectivas de permanência e sucessão nas unidades de produção familiar

Conforme os dados da pesquisa, 80% das pessoas que vivem nas propriedades estudadas dedicam integralmente seu trabalho a atividades realizadas dentro de suas unidades de produção, 16% dividem seu trabalho com outras atividades fora da propriedade e 4% dedicam integralmente seu trabalho fora de suas unidades de produção familiar. Percebe-se, também, que estas atividades são realizadas em sua maioria nas cidades com 59% de representatividade, seguido das atividades realizadas em outras unidades de produção rural com 35% e outros locais com apenas 6%.

Para a maioria dos produtores, principalmente os que possuem maior área de produção ou trabalham de forma intensiva na atividade leiteira, é impossível realizar atividades econômicas fora das propriedades, pois nestes locais já existe carência de mão de obra, como o exemplo do entrevistado (P10_80ha. 2014) “Já tem serviço demais na propriedade, não tem como sair para trabalhar fora”. Também há alguns casos que já estão contratando empregados para ajudar em suas atividades na propriedade de forma integral. “O Filho saiu de casa, só fica nós e o casal de empregado. O Marido tem 87 anos. Filho trabalha na cidade, ele não quis ficar no campo”. (P7_52ha. 2014).

A pluriatividade é importante principalmente, para os produtores com menor área ou produção intensiva de grãos, que dependem da renda vinda de fora da propriedade para conseguir viabilizar economicamente a permanência de sua família na propriedade. “Preciso trabalhar fora para sustentar minha família, pois tenho pouca terra (4 hectares) e a produção dela não é suficiente para permanecer só aqui”. (P29_4ha. 2014). Também há aqueles produtores que seus filhos saem a trabalhar fora para contribuir com a renda da família e melhorar sua qualidade de vida, conforme o exemplo deste produtor: “Nós conseguimos viver só com a renda da propriedade sim, mas quando ele (filho) começou trabalhar fora facilitou, pois as coisas dele, ele compra, nós tinha coisas que não tinha como dar para ele”. (P11_22ha. 2013).

Entre as unidades de produção familiar que possuem atividades realizadas fora da propriedade, 28% dos produtores consideram que sem a renda vinda desse trabalho não seria possível a permanência de sua família na propriedade. Porém, percebe-se que entre todas as unidades de produção familiares entrevistadas a maior parte da economia vem através da produção de leite e grãos, ambas participam com 89% da renda, seguida de 5% com rendas vindas de atividades realizadas fora da propriedade, 2% vem de arrendamentos e 4% de pensões e aposentadorias. Já quando questionados com relação ao futuro, 19% dos entrevistados acreditam que a tendência é de que as pessoas de sua família trabalhem mais fora da propriedade, 39% acreditam que vão trabalhar mais dentro das propriedades e 42% que vão manter o uso do trabalho de sua família como está atualmente.

Percebe-se que 84% dos entrevistados pretendem continuar morando na propriedade ainda por muito tempo, 6% não pretendem ficar por muito tempo e também com 6% estão os entrevistados com dúvida em relação à sua permanência.

Muitos produtores querem continuar na propriedade porque gostam do interior, de sua comunidade, de seus amigos, da qualidade de vida que levam no campo. Querem manter suas tradições familiares, ter liberdade, prazer em desempenhar as atividades agropecuárias que tanto se identificam, entre outras. “Quero ficar aqui até morrer, eu sempre gostei da lavoura[...] era bem inteligente na escola, mas não quis estudar porque prefiro ficar na lida bruta do que ficar preso na cidade[...]” (P10_80ha. 2013). Por outro

lado, há aqueles que pretendem continuar em suas propriedades por não terem outra opção de trabalho. “Agricultor não tem muita alternativa, é o que sabe fazer”. (P3_12ha, 2014). “O que vou fazer na cidade? Aqui é bom, lá como vou viver, ganhando um salário por mês?” (P8_18ha, 2014). “Quero continuar aqui, é o que eu sei fazer e eu gosto de morar no interior” (P20_20ha, 2013). Por outro lado, há aqueles que querem estar próximos da assistência médica e dos filhos na cidade, assim como aqueles que estão indecisos com relação ao futuro em suas propriedades. Essa indecisão, em alguns casos, surge principalmente após o falecimento dos pais que lideravam a gestão e atividades nas propriedades compostas por mais de um casal de filhos.

Não tenho certeza, porque a esposa já queria sair daqui, como houve a divisão do pai, ela já queria sair, a gente só não foi porque vê que aqui tem futuro, um futuro um pouco incerto e de muito trabalho, a gente não tem liberdade...eu podia ir junto com ela (esposa) para Bento, não fui porque é muito compromisso (P9_50ha, 2014).

Quando questionados com relação à permanência de seus familiares na propriedade após suas aposentadorias, percebe-se que, em 10% das propriedades a família não irá continuar as atividades, 33% estão em dúvida e 57% acreditam que seus filhos irão continuar trabalhando em suas unidades de produção familiar. Para os produtores a sucessão na agricultura familiar está cada vez mais difícil, pois os jovens não querem mais ficar no campo trabalhando com os pais, preferem ir para a cidade, estudar e buscar novas oportunidades de trabalho. Segundo alguns entrevistados, isso ocorre muitas vezes por falta de incentivo dos próprios pais. “Hoje em dia os filhos saem, estudam e não querem mais voltar para propriedade” (P15_80ha, 2013). Também há aqueles pais que não fazem muita questão de que os filhos fiquem ou retornem para as propriedades, devido às incertezas de sucesso nas atividades.

Para alguns produtores, principalmente os que trabalham com a atividade leiteira, o trabalho no interior é cansativo, não tem férias e nem final de semana, sendo assim, se surgisse alguma possibilidade interessante para sair da propriedade e mudar de atividade estariam dispostos ou pensariam na proposta. “Com certeza deixaria a propriedade se a proposta fosse boa, é muitos anos trabalhando aqui, desde os 12 anos

eu já tirava leite, quem começou aqui na região fomos nós, e toda a pessoa cansa”. (P9_50ha. 2013).

Por outro lado, há aqueles produtores que gostam do trabalho no campo, de serem livres para gerenciar seus negócios e não pensam na possibilidade de trocar de atividade. “Não, porque eu gosto, já pintou várias propostas de fora e eu não quis porque é uma coisa que eu sempre sonhei trabalhar com leite. Seis anos atrás comecei aqui com seis vacas e hoje estou com trinta e cinco”. (P23_18,6ha).

Também há aqueles em dúvida, como é o caso do produtor P25_36ha (2014) “Complicado, talvez deixaria, porque a gente tem amor pelo que faz, eu tenho amor pelo que faço, lidar no interior, até nem me adapto morar em cidade”. E os produtores que já estão decididos em migrarem para cidades.

Porém, quando perguntado se os produtores tivessem dinheiro disponível para fazer o investimento de seus sonhos, a grande maioria investiria na propriedade, principalmente na compra de terras, com 29% de representação, seguida das melhorias na propriedade com 26%, aumento na produção leiteira com 8% e melhorias na casa com 7%. Isso deixa claro que a maioria dos produtores gostam do que fazem e da vida no campo, e se vendem ou arrendam suas propriedades para morar nas cidades, certamente é pelos fatores socioeconômicos que inviabilizam sua permanência na propriedade.

Diante desse cenário, em que a maioria dos produtores não possuem atividades fora da propriedade e sua maior renda vem através das produções de leite e grãos, percebe-se que as atividades pluriativas são pouco significativas para o desenvolvimento da maioria dos produtores entrevistados, principalmente para aqueles que estão ligados à atividade leiteira, que representa maior lucratividade e demanda por mão de obra. Nota-se, também, que apesar das dificuldades, a maioria dos entrevistados estão muito ligados ao meio em que se inserem, principalmente a suas atividades e comunidades, fator este que contribui para sua permanência no campo.

Tendências para agricultura familiar do Alto Jacuí/RS

Este subitem tem como objetivo analisar, através da opinião dos entrevistados, quais são as tendências da organização produtiva na agricultura familiar, do uso do

trabalho das pessoas e da permanência das famílias rurais em suas comunidades, além de analisar quais ações seriam necessárias para que este segmento se fortaleça e se desenvolva no meio rural.

Percebe-se que a produção de grãos para os próximos anos, com 44% de representatividade, tende a aumentar nas propriedades familiares dos entrevistados, 28% consideram que vai se manter como está atualmente e 28% acreditam que a atividade irá diminuir. Este aumento de produção, na opinião dos produtores, está ligado principalmente ao acesso da agricultura familiar às evoluções tecnológicas, principalmente através dos incentivos financeiros do governo.

Quem tem vontade, tem terra, continua. Eu digo assim, o que melhorou, mudou muito foi esses planos do governo, esses financiamentos, incentivos[...] Se tu sabe aproveitar e se organizar eu acho que a tendência é só aumentar se continua assim[...] O governo incentiva bastante, claro tem outras partes que dificulta[...] Mas esses financiamentos, se tu quer e tem vontade e tu trabalha bem consegue colocar tecnologia e produzir um pouco mais[...] Isso a gente percebeu, olha que de um tempo para cá melhorou [...] (P14_32ha. 2014).

Por outro lado, há aqueles produtores que acreditam que a evolução tecnológica da produção dos grãos veio para ser aplicada em grandes propriedades. Sendo assim, consideram que esta atividade vai diminuir, e os produtores irão migrar para outras atividades que requerem menos investimento e são estáveis e rentáveis nas pequenas propriedades, como é o caso da produção leiteira.

Vai diminuir, o pessoal vai tudo para o leite e suínos, estas coisas, grãos é para grandes proprietários [...] Os maquinários hoje vem tudo para as grandes propriedades, para pequeno muito pouco [...] Soja e milho não mantém mais produtor pequeno (P9_50ha. 2014).

Se tiver incentivo para produção de leite vai diminuir a de grãos, porque a produção de grãos, principalmente a de soja não seria bem para o pequeno produtor porque para ti produzir soja tu precisa de maquinário de alto valor e no leite é diferente um pouco, o maquinário é de preço bem mais acessível, bem mais baixo (P25_36ha. 2014).

Na atividade leiteira, 48% dos produtores também acreditam que irá aumentar a produção, 27% acreditam que vai se manter e 24% que irá diminuir. Para muitos, este aumento na produção de leite, além da migração dos produtores de soja e da evolução tecnológica, se dá também pela necessidade de gerar mais renda na propriedade para que seja possível sua permanência no meio rural.

O pequeno vai ter que produzir leite porque ele não compra terra, ou ele tira leite ou vende para um fazendeiro e vai para cidade trabalhar, ainda mais aqui que tem a empresa Stara e a empresa Jean que buscam todos os dias de 3 a 4 ônibus de gente para trabalhar na cidade (P9_50ha. 2014).

Também há aqueles produtores que acreditam que a produção leiteira vai diminuir na agricultura familiar de sua região, induzida principalmente pelo envelhecimento das pessoas e pela migração dos jovens para cidade, ou seja, pela falta de mão de obra. Por outro lado, há aqueles que acreditam que ambas produções, soja e leite, dependem muito do momento atual do mercado, pois parte dos produtores são inclinados a migrar entre as atividades, baseados nos resultados obtidos em sua última safra, sendo a alta produtividade e o preço da soja os maiores influenciadores.

Se a soja continuar subindo, o leite vai diminuir [...] se a soja sobe, o pessoal vende as vacas e vai para soja, isso é normal [...] as pessoas vão envelhecendo e vão vendendo as vacas [...] O filho estudou vai para cidade [...] esse negócio de arrumar gente para tirar leite já era (P10_80ha. 2014).

Com relação ao trabalho das pessoas da família fora da propriedade, 48% dos entrevistados acreditam que a tendência na sua região é aumentar para os próximos anos, 39% acreditam que irá se manter como está atualmente e 13% acreditam que irá diminuir o uso do trabalho das pessoas fora de suas propriedades.

Muitos produtores justificam que o número de filhos está cada vez menor nas famílias do campo, e que as pessoas já não estão dando mais conta das próprias atividades realizadas em suas propriedades, o que impossibilita a saída para outras atividades extras fora de seu ambiente de trabalho familiar. Por outro lado, há aqueles

produtores que possuem mão de obra excedente em suas propriedades, seja pelo número de pessoas na família, pelo tamanho da propriedade ou modelo de atividade exercida. Estes utilizam o trabalho fora da propriedade para gerar mais renda e contribuir com a qualidade de vida e permanência de sua família no meio rural.

Porém, há aqueles produtores que consideram que o uso do trabalho fora da propriedade irá aumentar, induzido principalmente pelas atratividades de lazer, estudo e trabalho oferecidas nos centros urbanos para os jovens que vivem no meio rural.

Hoje em dia o pessoal está indo mais para cidade, o jovem não quer mais ficar no interior, acho que é porque é mais fácil na cidade. Nossa juventude não quer mais o interior. Tinha um rapaz que eu pagava um salário limpo para ajudar no leite, ganhava tudo, casa, alimento, foi para cidade ganhar um salário até menor e ainda tem que pagar todas as outras despesas. Nossa juventude não quer mais ficar no interior (P7_52ha. 2014).

Nas propriedades mais próximas dos centros urbanos, existem muitas pessoas que moram no interior e trabalham na cidade, indo e voltando todos os dias. Nestas regiões onde também há acesso às informações e principalmente entretenimentos urbanos, além das propriedades serem rentáveis e também os pais trabalharem forte na questão da sucessão familiar, incentivando e compartilhando os resultados e decisões das atividades com os filhos, a migração definitiva dos jovens para a cidade é bem menor.

Se tiver renda e incentivo, os jovens ficam na propriedade [...] porque hoje está mais fácil a vida no interior, hoje tu tem tudo, tem internet, tem informação [...] pode ir para cidade se divertir e voltar [...] anos atrás não tinha, então o pessoal buscava fora (P20_20ha. 2014).

Com relação às tendências de permanência da agricultura familiar no meio rural, percebe-se que 56% dos entrevistados acreditam que este segmento irá diminuir, 32% acreditam que irá se manter como está atualmente e apenas 12% que irá aumentar.

Os produtores que acreditam que o número de famílias da agricultura familiar em sua comunidade irá se manter ou até aumentar são aqueles que na maioria dos casos vivem em regiões onde a agricultura familiar é predominante, sendo assim, além do comércio, as demais instituições trabalham voltadas para suas demandas e os produtores

também acabam não sofrendo tanta pressão dos agricultores patronais pela compra de suas áreas. Conforme relata o entrevistado P19_30ha (2014): “Na nossa região vai manter, são todas propriedades pequenas, não tem grande no meio para tentar comprar as terras”.

Já naquelas regiões onde a agricultura intensiva e não familiar é predominante, encontra-se o maior número de entrevistados que acreditam que a tendência da agricultura familiar em sua comunidade é de continuar diminuindo, ou até sumir, induzida principalmente pela forte demanda de compra e valorização de suas terras.

A agricultura familiar vai diminuir aqui, falta de terra, área pequena não tem como comprar em nossa região. É uma região hoje que estão falando em 800 sacas de soja a hectare de terra[...] O grandão tomou conta aqui de toda a volta, eu fui um que os caras já me cercaram várias vezes para me tirar daqui oferecendo o que não vale minha propriedade (P23_18,6ha. 2014).

Existem também aqueles produtores que acreditam que além da pressão sofrida pela demanda de terra, o número de famílias de sua comunidade irá diminuir devido aos jovens não estarem mais ficando nas propriedades, e os seus pais estarem envelhecendo e também migrando para os centros urbanos.

Vai diminuir e muito, hoje tem 10% do que tinha antes [...] porque o jovem não fica na propriedade, porque ele estudou quer ir para cidade, ele não quer estar com os pés sujos ele não quer estar no meio do veneno [...] Fim de semana ele não quer estar correndo atrás das vacas [...] as pessoas de idade também estão indo para cidade (P10_80ha. 2014).

Diante deste contexto, percebe-se que a agricultura familiar do Alto Jacuí/RS, possui, na maioria dos casos, uma melhor performance nas regiões onde é predominante seu número de estabelecimentos, pois além das tradições e culturas vindas do trabalho familiar, o mercado e demais instituições se ajustam e focam para atender suas demandas e ofertas, contribuindo assim para que nestas localidades a agricultura familiar se desenvolva e permaneça no meio rural com mais facilidade do que as famílias que estão inseridas em regiões onde predomina a agricultura intensiva e não familiar.

Para contribuir com o entendimento das tendências de permanência da agricultura familiar no meio rural, buscou-se neste estudo também aprofundar os questionamentos sobre quais são os motivos que levam os jovens a saírem das propriedades familiares na busca de novas oportunidades de trabalho, o que a agricultura familiar precisa para melhorar sua qualidade de vida e gerar mais renda dentro de suas propriedades e que tipo de políticas para o meio rural são mais importantes para o fortalecimento de suas atividades.

Percebe-se que para 26% dos entrevistados os jovens da agricultura familiar estão saindo do campo para estudar e buscar melhores condições de vida e financeiras nas cidades, “Quando o jovem vai para a cidade ele tem o dinheirinho dele, ele não vai querer mais voltar para o interior[...] (P22_18ha. 2014). 17% consideram que vão em busca de estabilidade e mais renda, 14% consideram que falta incentivo e oportunidades no campo para os jovens.

O pai não incentiva os filhos a trabalhar na propriedade né, muitas vezes o pai não tem condições para segurar o filho junto com ele para trabalhar ali, leva eles a procura de outros serviços, porque se a pessoa não tem condições de se manter em casa tem que sair (P24_40ha. 2014).

Já 13% dos produtores acreditam que faltam área e capacidade de investimento para os jovens, 9% acreditam que a saída se dá pela vida difícil no campo, 6% dizem que é pela busca de emprego fixo e que não precise trabalhar aos finais de semana, e para 3% a saída se dá pela falta de atividades de lazer e informação, além dos jovens não gostarem e nem quererem levar a vida dos pais no campo, “Tem uns jovens que acho que já tem um trauma com o serviço de fora, pensam assim, como meu pai e minha mãe sofreram lá fora eu não quero sofrer desse tipo, eu quero uma vida mais tranquila”. (P25_36ha. 2014).

Outro fator importante que contribui para a saída dos jovens do campo é a forte demanda por mão de obra nos centros urbanos. Para corroborar este posicionamento, selecionamos o depoimento do produtor a seguir:

Hoje em dia eles não precisam sair da propriedade para procurar emprego, as indústrias vem buscar os jovens, aqui em Colorado cataram todos os rapaz e moças que tinham aqui para trabalhar na Stara e na Jean em Não Me Toque (P27_15,6ha. 2014).

Existem também aqueles produtores que acreditam que o trabalho na atividade leiteira é um dos incentivadores para a migração dos jovens para as cidades, pois esta atividade requer dedicação e tempo exclusivo, incluindo finais de semanas e feriados. Já quando os jovens conseguem uma viabilização econômica na atividade agrícola, trabalhando com maquinários e equipamentos que requerem menor esforço físico, esta evasão do meio rural diminui.

O leite eles (os jovens) já são contra [...] eles gostão de sair dai tem aquele compromisso [...] a maioria dos jovens saíram do interior por causa do leite [...] Jovem até fica no interior se for para lidar na agricultura com máquinas[...] (P7_52ha. 2014).

Já com relação às necessidades de apoio que a agricultura familiar precisa para melhorar sua qualidade de vida e se manter no meio rural, principalmente através da viabilização econômica de suas atividades, percebe-se que 28% dos entrevistados precisam de investimentos e incentivos por parte do governo, 14% dizem que falta valorização de seus produtos, assistência técnica e treinamento, 11% consideram que a falta de investimentos em equipamentos e tecnologia é um dos fatores dificultadores para o desenvolvimento da agricultura familiar. Para 8% dos entrevistados é necessário ter mais acesso ao crédito, 4% mais segurança de produção e comercialização e 3% consideram que está faltando às famílias produzirem mais alimentos para seu próprio sustento.

Neste contexto, percebe-se que na maior parte dos produtores, suas necessidades para o desenvolvimento de suas propriedades passam por questões financeiras, seja na produção, comercialização ou áreas sociais de suas residências e comunidades. Para alguns entrevistados, as linhas de crédito viáveis para a agricultura familiar nem sempre são suficientes para desenvolver suas atividades e projetos. Dizem existir também outras linhas de crédito para agricultura familiar, porém nestas além da dificuldade de acesso, na maioria dos casos seus juros são inviáveis com a situação atual do segmento e mercado, conforme argumenta um dos entrevistados a seguir:

Vou te citar um exemplo da propaganda do Banco X: é o bom para todos, que é para agricultura familiar com 4% ao mês, isso daí não, quem é que vai pegar esse tipo de investimento? É muito caro para a agricultura familiar (P9_50ha. 2014).

Por outro lado, há aqueles produtores que acreditam que algumas linhas de incentivo à produção por parte do Governo, como o Pronaf e o Mais Alimento, vieram para agregar e contribuir com seu desenvolvimento, e que agora a questão de apoio financeiro para investimentos de produção está satisfatória, basta os produtores terem gestão e comprometimento diante de suas atividades para que possam gerar mais renda e se desenvolver.

Na época que cheguei na propriedade, plantava 2 a 3 hectares de milho, feijão só para manutenção, naquela época trabalhava só a boi, eu não tinha acesso a maquinário, porque agente veio para ali tipo com uma mão na frente e outra atrás e ainda com dívida, então fiquei uns 4 a 5 anos meio patinando até conseguir trabalhar [...] agora depois que veio o mais alimento que consegui me estruturar um pouco para trabalhar, o mais era muita pouca coisa que agente conseguia desenvolver na propriedade. Já desde acesso a banco é de acordo com teu cadastro e teu cadastro era baixo, não tem acesso. Já digo assim ao investimento alto. Tu vai a passos lentos, depois que entrou este plano do mais alimento, daí sim, o cara vai se organizando em maquinário daí vai sobrando do outro lado que não precisa tu tirar do leite para largar no outro setor (P25_36ha. 2014).

Na época quando nós viemos para cá estava muito difícil para conseguir financiar um trator um maquinário novo, agora um certo tempo para cá tu tem mais acesso a essas coisas mais fácil, o pequeno agricultor tem mais acesso fácil nestas coisas, isso é uma verdade (P22_18ha. 2014).

Como já vem se discutindo ao longo deste trabalho, a escala também influencia diretamente na viabilidade econômica das principais atividades produtivas exercidas pela agricultura familiar, neste caso, nas produções de grãos e leite, o que justifica o pedido dos entrevistados por maior valorização de seus produtos, assistência técnica e treinamento. Entre os entrevistados, encontra-se basicamente dois perfis de produtores, ou seja, aqueles que se caracterizam pela eficiência gerencial, principalmente através de um equilíbrio entre sua produtividade e controle de custos, alinhados às suas condições

de produção e ao mercado, para que suas atividades sejam rentáveis. Normalmente, estes produtores ajustam suas atividades produtivas de acordo com suas disponibilidades de área, possuem uma assistência técnica qualificada, valorizam e pedem cada vez mais por este acompanhamento e treinamento.

Já na outra ponta, existem aqueles produtores que desconsideram estes fatores, muitas vezes se preocupam só com sua produtividade, não se ajustam ao mercado e tampouco controlam ou conhecem de forma integral seus custos de produção, obviamente que isso reflete diretamente nos resultados econômicos de sua propriedade. Normalmente, estes são produtores que pedem mais valorização de seus produtos, não possuem assistência técnica ou esta é ineficaz. Tem muita propriedade que não tem nada de ajuda técnica, eu até tenho porque pago para ter, mas tem propriedade que não tem, daí é difícil se manter [...] é muito fraco o apoio nesta parte da Instituição Pública X (P19_30ha. 2014).

Estratégias produtivas e de reprodução socioeconômica dos agricultores familiares

Este subitem como objetivo analisar as estratégias produtivas e de reprodução sociais e econômicas dos agricultores entrevistados neste estudo. Percebe-se que os produtores utilizam, basicamente, quatro estratégias de reprodução, sendo elas:

a) Estratégias de reprodução através da produção leiteira - Serve como principal atividade econômica nas propriedades com menor disponibilidade de área e capital de produção. Já nas propriedades com maior área produtiva, esta atividade passa a ser uma atividade de renda complementar para os produtores familiares.

b) Estratégias de reprodução através da produção de grãos - É a principal atividade econômica nas propriedades com maior área produtiva e disponibilidade de capital para investimento. Passa a ser atividade complementar nas unidades familiares com menor área e capital para investimento na produção.

c) Estratégias de reprodução através da produção de alimentos básicos - Considerada como uma atividade complementar. O foco está na produção de alimentos de subsistência da própria família, os excedentes são comercializados em suas regiões.

d) Estratégias de reprodução através do uso do trabalho fora da propriedade

- Pode ser considerada como uma atividade econômica principal ou complementar, isso depende basicamente da disponibilidade de área, perfil produtivo ou número de pessoas que moram na unidade de produção familiar.

Diante deste contexto, conforme a Figura 03, surgem basicamente três perfis de produtores, que se caracterizam através de suas decisões estratégicas de reprodução diante das condições impostas pelo meio em que se inserem, sendo eles:

a) Produtor Especialista: Caracteriza-se principalmente por seu estilo de gestão focada na sucessão familiar, nas inovações tecnológicas, movimentações de mercado e custos de produção, assim como pelo seu eficiente desempenho econômico.

Este produtor, em pequenas áreas de produção, com média de até 15 hectares, trabalha de forma intensiva na produção leiteira. Conta com acompanhamento técnico e não possui restrições de acesso às inovações tecnológicas da atividade. As receitas da propriedade são destinadas para as despesas domésticas e investimentos de produção. O uso do trabalho da família fora da propriedade é baixo e suas tendências de permanência na propriedade são altas.

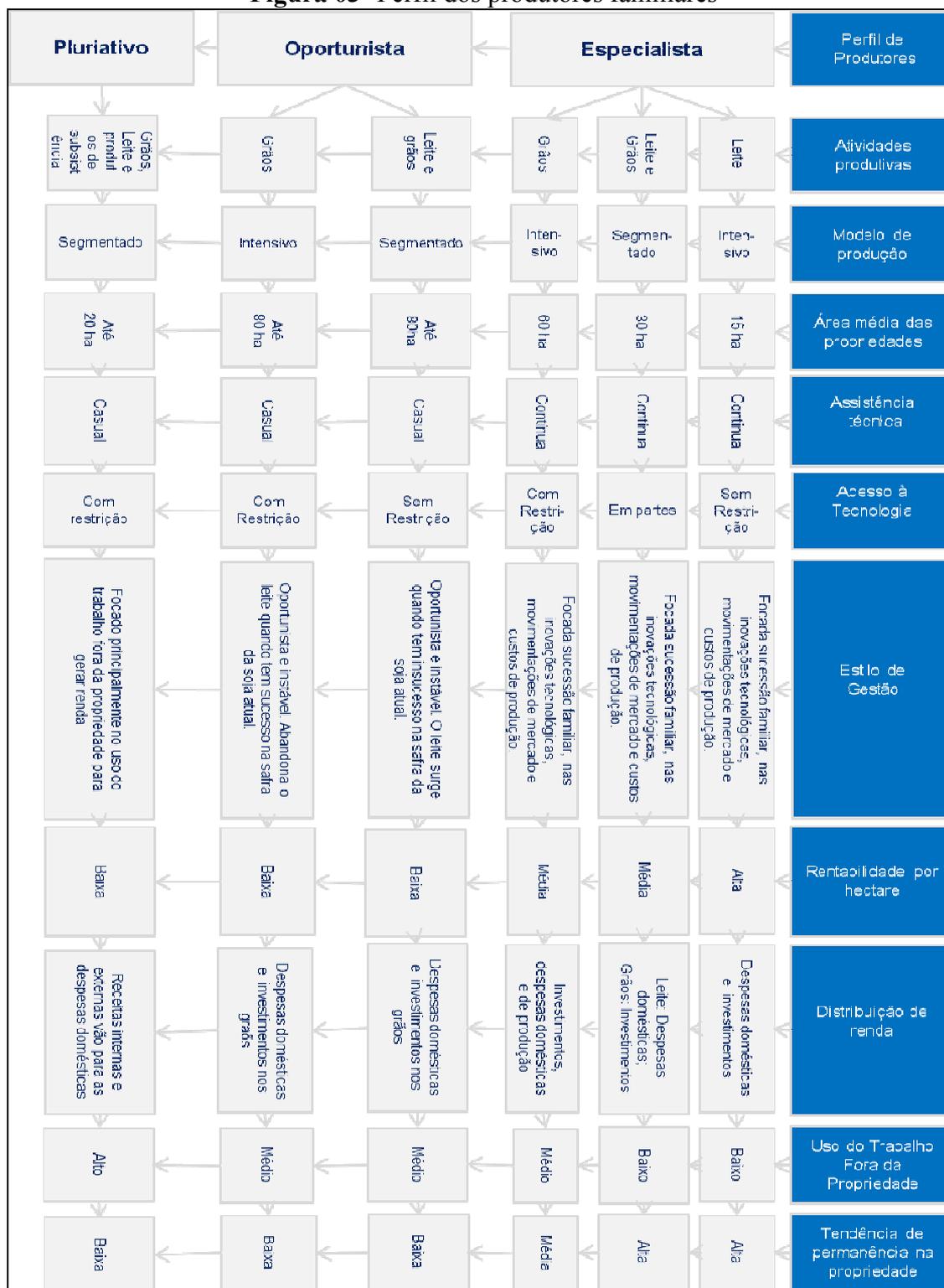
Já o produtor com maior área de produção, em média 60 hectares, trabalha de forma intensiva na produção de grãos. Conta com acompanhamento técnico e possui restrições de acesso às inovações tecnológicas da atividade. As receitas da propriedade são destinadas para as despesas domésticas e investimentos de produção. O uso do trabalho da família fora da propriedade é mediano, assim como suas tendências de permanência na propriedade.

Também há aquele produtor que possui atividades conjuntas, ou seja, produção de grãos e leite. Este possui, em média, 30 hectares e conta com acompanhamento técnico. Possui restrições às inovações tecnológicas na produção de grãos e acesso às relacionadas à atividade leiteira. As receitas vindas da atividade leiteira são destinadas às despesas domésticas, e as vindas dos grãos, para os investimentos da propriedade. O uso do trabalho da família fora da propriedade é baixo, suas tendências de permanência na propriedade são altas.

b) Produtor Oportunista: Caracteriza-se principalmente por seu perfil de gestão induzido pelas flutuações do mercado agrícola. Se os resultados da safra da soja atual forem bons, o produtor diminui ou termina com a produção leiteira, se no ano seguinte os resultados da soja forem insatisfatórios, o produtor retorna o foco na atividade leiteira, e assim sucessivamente. O tamanho da propriedade varia até os 80 hectares. Não possui assistência técnica contínua e o acesso às inovações tecnológicas das atividades produtivas é restrito. As receitas vindas de ambas atividades são destinadas às despesas domésticas e investimentos de produção. O uso do trabalho da família fora da propriedade é mediano, os resultados econômicos da propriedade, assim como as tendências de permanência da família na propriedade, são baixos.

c) O produtor Pluriativo: Este produtor possui pequena área de produção, com média de até 20 hectares. Seu foco está no uso do trabalho fora da propriedade para gerar renda. Na unidade de produção familiar, como atividade complementar, produz grãos, leite e outros produtos de subsistência. Não conta com acompanhamento técnico e possui restrições de acesso às inovações tecnológicas das atividades. As receitas vindas de fora e dentro da propriedade são destinadas às despesas domésticas da família. O uso do trabalho da família fora da propriedade é alto, a rentabilidade dentro da unidade de produção familiar, assim como as tendências de permanência da família no meio rural, é baixa.

Figura 03- Perfil dos produtores familiares



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2013/2014).

Considerações finais

A atividade agrícola no Alto Jacuí/RS se desenvolveu através da produção de subsistência em pequenas propriedades. Logo após, com a decadência desse sistema, surge a modernização agrícola, trazendo novas técnicas, maquinários e insumos para produção de trigo e de soja da região.

O crescimento da atividade leiteira se dá com maior ênfase nas propriedades com menor área produtiva, onde o leite de certa forma é predominante por sua estabilidade e rentabilidade econômica. Porém as tendências de crescimento da triticultura, apesar de suas frustrações e instabilidades econômicas, se dá principalmente naquelas propriedades com maior área e que também estão mais focadas na produção de grãos. Nestas, o trigo, mesmo não dando o lucro financeiro desejado para os produtores, acaba contribuindo com as demais produções, sendo principalmente através da cobertura de solos, rotação de culturas e receitas da propriedade.

Já com relação à área destinada para as produções de verão, a sojicultura que sempre esteve com maior participação e atualmente ocupa 74% da área, apresenta tendências de queda na agricultura familiar em estudo, diminuindo para 55% sua participação. Ocupando este espaço, surge principalmente a produção leiteira, com tendência de chegar aos 32% de participação no verão. Porém, a produção de milho que também apresenta tendência de crescimento em área, com possibilidades de chegar aos 13% de participação, é mais considerada como uma atividade de apoio à soja e ao leite.

Nas propriedades onde se trabalha com a produção leiteira, a maior parte da produção de milho não vai para comercialização do grão, e sim para produção de silagem, que serve como alimento do rebanho. Já nas propriedades focadas na produção de grãos, o milho surge mais como uma opção para rotação de cultura, pois nestas, a soja predomina.

Além da produção de grãos e de leite, 45% dos produtores entrevistados também produzem outros produtos para comercialização, como: carne bovina, verduras, ovos, frutas, legumes, fumo, mel, entre outros, que são vendidos principalmente em estabelecimentos comerciais da cidade, nas indústrias, ou até mesmo em suas próprias comunidades do meio rural. Porém, estes produtos, na maioria dos casos não são

produzidos com foco comercial, e sim para o consumo próprio das famílias. No caso da carne bovina, são vendidos os animais considerados para descarte na atividade leiteira. Sendo assim, na maioria dos casos, estes produtos não possuem uma representatividade econômica expressiva para as famílias.

Com relação ao uso do trabalho, atualmente 80% das pessoas que vivem nas propriedades familiares deste estudo dedicam integralmente seu trabalho a atividades realizadas dentro de suas próprias unidades de produção, 16% dividem seu trabalho com outras atividades fora da propriedade e 4% dedicam integralmente seu trabalho fora. Essas atividades, que são realizadas em sua maioria nas cidades ou em outras unidades de produção rural, também apresentam tendências de crescimento entre os estabelecimentos em estudo, principalmente naqueles estabelecimentos com menor área ou produção intensiva de grãos, pois nestas, a oferta de mão de obra é maior e as famílias na maioria das vezes também dependem da renda vinda de fora para conseguir viabilizar economicamente sua permanência na propriedade. Já onde se tem maior área para produção, ou que trabalham de forma intensiva na atividade leiteira, dependendo do número de pessoas da família, é quase impossível realizar atividades econômicas fora das propriedades, pois nestes locais já existe uma certa carência de mão de obra, com tendências de aumentar, principalmente pelo envelhecimento das pessoas e a migração dos jovens para outras atividades ou centros urbanos.

Porém, apesar da maior demanda por mão de obra, a atividade leiteira representa fortalecimento para a agricultura familiar, pois em pequenas áreas, com baixos investimentos, consegue-se produzir escalas competitivas que viabilizam a atividade e a permanência dos produtores no meio rural. Ao contrário da produção de grãos, que na maioria dos casos representa a saída gradativa das famílias do campo, devido a maior demanda de área para que se tenha uma escala competitiva, além dos altos investimentos e difícil acesso às tecnologias e equipamentos de produção.

Diante deste contexto, a tendência é de que a produção leiteira aumente na agricultura familiar da região. Porém, este crescimento depende de incentivos e apoio por parte do governo e instituições ligadas à atividade, principalmente disponibilizando aos produtores uma assistência técnica de qualidade e uma infraestrutura logística

eficiente, além de assistência médica nas comunidades e incentivos para que os jovens permaneçam no meio rural.

Caso contrário, por falta de incentivo os jovens vão continuar migrando para os centros urbanos, e os produtores sem infraestrutura para produção e com carência de mão de obra terão a tendência a vender e arrendar suas terras, ou intensificar a produção de grãos, conseqüentemente inviabilizando economicamente sua permanência na propriedade rural.

Percebe-se, neste estudo, que para dentro da porteira o Governo disponibiliza recursos financeiros viáveis para investimentos em produção. Porém, nem sempre os produtores conseguem desenvolver suas atividades de forma rentável, muitas vezes por falta de planejamento, conhecimento técnico e gestão básica, principalmente através da análise de mercado e controle de custos. Ficando assim evidente a falta de um acompanhamento técnico eficiente por parte do Governo a esses produtores, envolvendo planejamento, desenvolvimento e controle das atividades realizadas pela agricultura familiar, inclusive em seus projetos de investimentos financiados pelo próprio Governo. Através das manifestações daqueles produtores que consideram receber o acompanhamento técnico eficiente da CCGL ou outras instituições, percebe-se que este cenário diferencia-se e os investimentos, na maioria dos casos, passam a ter melhor desempenho socioeconômico, comparando-se aos produtores que não recebem esse tipo de acompanhamento.

Porém, este trabalho não aprofundou neste questionamento, sugere-se um estudo focado no tema, analisando a qualidade dos treinamentos e assistência técnica prestada pelos órgãos públicos, assim como sua abrangência e importância para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Os resultados desta pesquisa trazem informações de extrema importância para o agronegócio e suas instituições que interagem junto a agricultura familiar, como é o caso da Cooperativa Central Gaúcha Ltda – CCGL, que possui 171 mil estabelecimentos rurais associados em seu sistema cooperativo no Rio Grande do Sul, sendo a maior parte desses do segmento familiar.

A Cooperativa atua nas atividades de: Concentração, pasteurização e secagem de leite; Pesquisa de novas tecnologias agropecuárias; e Recebimento, armazenagem e expedição de grãos agrícolas e transporte multimodal. Só em seu segmento de laticínios, 90% de seus fornecedores de matéria prima são produtores familiares. Sendo assim, o entendimento de como se desenvolve a agricultura familiar dessa região, assim como suas tendências de reprodução socioeconômicas, são fundamentais para que a empresa possa desenvolver seu planejamento estratégico, pois faz parte de sua missão integrar as atividades do agronegócio com sustentabilidade, escala e rentabilidade, gerando diferenciais competitivos às cooperativas e seus produtores.

Notas

¹Trabalho integrante da pesquisa realizada para a dissertação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural - UNICRUZ, junho de 2014.

² [...] o termo procura focalizar as diferentes atividades e interesses dos indivíduos e famílias que vivem na unidade produtiva. Preocupa-se tanto com a reprodução social e a participação no mercado de trabalho como com a terra e as questões agrícolas. A pluriatividade implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola encontra-se sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a atividade mais importante. Outras atividades podem ser assumidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica, podendo também ser motivadas por considerações não-relacionadas à agricultura. (FULLER E BRUN *apud* SCHNEIDER 2003, P. 150).

³ **Grãos:** Soja, Milho e Trigo em Grão.

⁴ **Leite:** Leite in natura refrigerado para comercialização a granel ou para produção de derivados.

⁵ De acordo com o MDA o Módulo Fiscal nos municípios que compõem a região do Alto Jacuí/RS é de 20 hectares em média.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Corede Alto Jacuí**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalhe.php?corede=Alto+Jacu%ED>. Acesso em 20 nov 2012.

GRZYBOWSKI, Cândido. **O trigo no Brasil**. Notus du.g.e.r.ei, Paris, n. 2, set. 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/default.asp?o=2&i=P>> Acesso em 26 nov 2012.

LAMARCHE H. **A agricultura familiar**: comparação internacional: do mito à realidade. Campinas: Unicamp, 1993.

MERA, Claudia Maria Prudêncio De. **População Rural na Região do Alto Jacuí/RS: Análise Sob a Perspectiva do Desenvolvimento Agrícola**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

RIBEIRO, José Luis Duarte; NODARI, Chistine Tessele. **Tratamento dos dados qualitativos**: técnicas e aplicações. Porto Alegre: PPGEU/UFRGS, 2001.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade na Agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. 2^a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. **Agricultura familiar e campesinato**: rupturas e continuidade. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2004.

Recebido em 17/10/2014. Aceito para publicação em 10/03/2015.
--